

## **Hermenêutica literária e a tradução do sentido**

Janine Resende Rocha

Cefet / MG

janine\_rocha@hotmail.com

RESUMO: Este artigo busca enfatizar como o domínio estético condiciona mediações dotadas de implicações teóricas, engendramento também presente no processo de doação de sentido ao texto literário, processo aqui designado como hermenêutica literária. A hermenêutica literária pressupõe a comunicabilidade da literatura: mas, caso não haja a pretensão de se esgotar o sentido do texto literário e de se agregar uma verdade a esse sentido, essa hermenêutica pode se conciliar com o inapreensível ou com a ilegitimidade. Essa conciliação não exclui, contudo, o fato de a hermenêutica literária demandar a definição do sentido, que emerge do texto literário com o empenho do leitor e que resulta num entendimento embasado nas seguintes hipóteses: 1. a literatura instaura uma via de comunicação; 2. os fatores compreensão e comunicação podem receber, conjuntamente, uma equalização elevada.

PALAVRAS-CHAVE: Hermenêutica literária. Tradução. Sentido. Leitor.

ABSTRACT: This article aims to emphasize how the aesthetic field conditions mediations provided with theoretical implications, engendering also present in the process of giving meaning to the literary text, a process here

referred to as literary hermeneutics. The literary hermeneutics presupposes the communicability of literature: but if there is a desire to exhaust the meaning of literary text and to add a truth to that sense, this hermeneutic can be reconciled with the unknowable or the illegibility. This reconciliation does not, however, the fact of literary hermeneutics require the definition of the meaning that emerges from the literary text with the reader's engagement and resulting in an understanding grounded in the following hypotheses: 1. literature establishes a communication channel 2. understanding the factors and communication can get together a high equalization.

KEY-WORDS: Literary hermeneutics. Translation. Meaning. Reader.

No arco histórico do conceito referente à hermenêutica, há divergências tanto no âmbito de disciplinas diversas, como no âmbito disciplinar próprio à literatura; divergências que nos lembram um preceito fundamental: “terms have a history, that they shape how we read, and that they engage larger social and political questions. [...] the meaning of the term is a matter of dispute, which is simply true in today's theoretical environment” (McLAUGHLIN, 1995, p. 03)<sup>9</sup>.

Apesar dessas divergências, é possível lidar com o pressuposto, como o faz Miguel Tamen em *Hermenêutica e mal-estar*,

---

<sup>9</sup> “[...] termos têm uma história, eles moldam a maneira com que lemos e estão comprometidos com maiores questões sociais e políticas. [...] o significado do termo é um assunto em disputa, o que é a verdade simplesmente no ambiente teórico atual” (Tradução nossa). Sobre as principais tendências da hermenêutica contemporânea, ver os livros: *Hermenêutica contemporânea*, de Josef Bleicher, que percorre um trajeto que vai de Friedrich Schleiermacher a Paul Ricoeur, e *Hermenêutica*, de Richard E. Palmer, focado especialmente em Schleiermacher, Dilthey, Heidegger e Gadamer. Ver também *Hermenêutica, interpretación, literatura*, de Fernando Romo Feito, e *Teoría hermenéutica y literatura*, de José Manuel Cuesta Abad: nesses livros, os autores discutem a hermenêutica não só junto à filosofia, como também à teoria da literatura.

segundo o qual

a noção de ‘hermenêutica’ [...] diz respeito [...] a uma série de atividades [...] que apresentam entre si diferenças e incompatibilidades mas que, apesar de tudo, são de certa forma homogeneizadas por graça da função que desempenham e dos problemas que levantam: os processos, os recursos, os dispositivos que usamos para interpretar, bem como os problemas que surgem ao quisermos interpretar (TAMEN, 1987, p. 69).

Uma definição abrangente da hermenêutica, como esta proposta por Josef Bleicher, também parece aceitável:

A hermenêutica pode ser definida, em termos genéricos, como a teoria ou filosofia da interpretação do sentido. Surgiu recentemente como tema central na filosofia das ciências sociais, na filosofia da arte e da linguagem e na crítica literária – apesar de sua origem moderna remontar aos princípios do século XIX.

A percepção de que as expressões humanas contêm uma componente significativa, que tem de ser reconhecida como tal por um sujeito e transposta para o seu próprio sistema de valores e significados, deu origem ao “problema da hermenêutica”: saber como é possível este processo e como tornar objetivas as descrições de sentido subjetivamente intencional, tendo em conta o facto de passarem pela subjetividade do próprio intérprete (BLEICHER, 1992, 13).

No estudo da hermenêutica, um ponto central reside, então, na expectativa pela objetividade do resultado hermenêutico, ou, em outras palavras, na validade que esse resultado recebe frente à arbitrariedade e à contingência do sujeito interpretante.

O “problema da hermenêutica” articula respostas divergentes para questões como a transparência do gesto hermenêutico e a visibilidade do trabalho do intérprete. Mesmo num fulcro disciplinar específico – como o dos estudos literários –, o complexo emaranhado de matizes e de perspectivas pertinentes ao sentido faz da hermenêutica um exemplo de *umbrella term*, ou seja, de um termo que comporta um amplo espectro conceitual. Assim, o gesto hermenêutico perante o enunciado literário pode ser entendido de maneiras variadas, com a possibilidade de haver o triunfo de uma maneira sobre as outras num dado contexto.

De acordo com Cuesta Abad, no prólogo ao livro *Teoría hermenéutica y literatura*:

La *experiencia del sentido* tiene lugar en un proceso dialéctico por el que, en un momento dado, espacio y tiempo se acoplan en una unidad ambivalente: sincronía-diacronía, univocidad-plurivocidad, realidad-ficción, etc. Ningún texto reúne tal cantidad de contenidos hermenéuticos autorreflexivos como el literario. Conjunción y disyunción de valores, coincidencia y divergencia de normas estéticas y éticas, vigencia y desfase de códigos culturales son expuestos a la máxima potencia por el lenguaje estético transformando la lectura, la interpretación, en un acto inevitablemente

metahermenéutico. Y sólo una comprensión que, en la totalidad de su alcance, encierra lo comprendido, la comprensión de la comprensión postulada por lo comprendido y el proceso mismo por el que se ha llegado a comprender puede ser estética<sup>10</sup> (CUESTA ABAD, 1991, p. 12; grifos do autor).

Diante das variáveis através das quais o gesto hermenêutico pode ser levado a cabo, é preciso que o crítico explicita a maneira pela qual entende esse gesto, pois essa maneira molda e condiciona a compreensão do texto. É preciso haver uma reflexão meta-hermenêutica, uma reflexão que faça a descrição crítica dos pressupostos defendidos, até para que o resultado hermenêutico deixe de ser pensado num plano individual e tenha condição de ser legitimado. Para o leitor crítico, há uma polifonia teórica que oferece reflexões e mecanismos a respeito da compreensão e da explicação de um texto; e, além de proceder à análise do sistema teórico empregado na hermenêutica do texto, se for o caso, o crítico deverá proceder também à análise dos referenciais extraliterários, como os de natureza sócio-histórica e cultural. Desse modo, podemos dizer que a hermenêutica literária tem-

---

<sup>10</sup> “A *experiência do sentido* ocorre por meio de um processo dialético no qual, num determinado momento, espaço e tempo se acoplam numa unidade ambivalente: sincronia-diacronia, univocidade-plurivocidade, realidade-ficção, etc. Nenhum texto reúne tal quantidade de conteúdos hermenêuticos autorreflexivos como o literário. Junção e disjunção de valores, coincidência e divergência de normas estéticas e éticas, vigência e defasagem de códigos culturais são expostos à máxima potência pela linguagem estética, transformando a leitura, a interpretação, num ato inevitavelmente meta-hermenêutico. E só uma compreensão que, na totalidade de seu alcance, encerra o compreendido, a compreensão da compreensão postulada pelo compreendido e o próprio processo através do qual se chegou a compreender pode ser estética” (Tradução nossa).

não só o texto literário como objeto.

O estudo da hermenêutica na sua acepção contemporânea – ou seja, a hermenêutica moderna inaugurada por Friedrich Schleiermacher, desvincilhada das rédeas dos teólogos, juristas e filólogos – ampara uma discussão sobre os horizontes que delimitam as tarefas clássicas da hermenêutica: compreensão, explicação ou interpretação e aplicação. As definições desses horizontes assentem, ao mesmo tempo, com proposições que almejam uma interpretação objetivamente válida e com proposições que reconhecem a ingenuidade desse propósito, dualidade que se firma não só entre os fundamentos filosóficos da hermenêutica, mas também entre os fundamentos teóricos no âmbito da literatura.

Em outros termos, as definições de tais horizontes assentem com uma polaridade entre texto e leitor, como vemos neste trecho, destacado do verbete “hermeneutics”, da compilação intitulada *A dictionary of cultural and critical theory*: “Hermeneutics has nearly always involved a tension between the idea that the interpreting subject should surrender to the transformative power of the text and the idea that the meaning of a text can only emerge via the creative initiatives of its interpreters” (PAYNE (Ed.), 1997, p. 241)<sup>11</sup>. Assim, podemos dizer que, via de regra, os estudos de natureza hermenêutica debatem os limites do sujeito interpretante diante do texto.

---

<sup>11</sup> “A hermenêutica tem implicado quase sempre uma tensão entre a ideia de que o sujeito interpretante deve se render ao poder transformativo do texto e a ideia de que o sentido do texto pode surgir somente das iniciativas criativas de seus intérpretes” (Tradução nossa).

## Hermenêutica literária e a tradução do sentido

Dividido entre, de um lado, a necessidade de intervir com suas luzes interpretativas para ajudar o texto a explicitar a multiplicidade de seus significados e, de outro, a consciência de que toda interpretação exerce sobre o texto uma violência e uma opinião, o professor, diante das passagens mais difíceis, não encontrava nada melhor para facilitar a você a compreensão que começar a ler tudo na língua original. (Italo Calvino, 2002)

Ainda que, como designação de uma ciência específica, o termo “hermenêutica” tenha surgido só em 1629, na obra de Johann Conrad Dannhaeur, “as operações de exegese textual e as teorias da interpretação – religiosa, literária, legal – remontam à antiguidade” (PALMER, 1986, p. 45). Segundo Luiz Costa Lima esboça no ensaio “Hermenêutica e abordagem literária”:

A palavra hermenêutica deriva de Hermes, aquele a que os deuses confiaram a transmissão de suas mensagens aos mortais. A partir mesmo de sua etimologia, a hermenêutica aparece como uma atividade de mediação, tradutora de uma linguagem incompreensível a seus destinatários. Entendida como a arte da interpretação, ela é conhecida desde a época clássica ateniense, quando seus pensadores buscavam apreender o significado da epopeia homérica, já não mais diretamente captável pelos contemporâneos (COSTA LIMA, 2002, p. 65).

A respeito de Hermes, Antenor Nascentes comenta no *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*: “Platão, no Crátilo, ligou a eiro, falar, Eirémes, por elegância Hermês: ‘... parece que vem do discurso; os atributos de intérprete, mensageiro, ladrão, enganador com palavras e traficante, todos eles se prendem à força da palavra’” (NASCENTES, 1952, p. 139).

A grande tarefa do mensageiro dos deuses na mitologia greco-romana – isto é, do deus da eloquência, dos comerciantes, dos ladrões e das estradas – consiste na interpretação da vontade dos deuses, a ser transmitida aos mortais:

Poder-se-iam multiplicar as missões e as comissões de Hermes, mas o que interessa mais de perto nesse deus tão longevo, que só faleceu, se é que *faleceu*, no século XVII, “são suas relações com o mundo dos homens, um mundo por definição ‘aberto’, que está em permanente construção, isto é, sendo melhorado e superado. Os seus atributos primordiais – astúcia e inventividade, domínio sobre as trevas, interesse pela atividade dos homens, psicopompia – serão continuamente reinterpretados e acabarão por fazer de Hermes uma figura cada vez mais complexa, tornando-o, ao mesmo tempo, civilizador, patrono da ciência e imagem exemplar das gnoses ocultas”. [...] Hermes é o que sabe e, por isso mesmo, aquele que transmite toda ciência secreta (BRANDÃO, 1993, p. 551; grifo do autor).

As diversificadas tarefas de Hermes podem ser concentradas em torno de palavras-chave tais como competência linguística,



comunicação, discurso, compreensão, interpretação<sup>12</sup>. Assim, como Costa Lima salienta, a hermenêutica referencia, na sua orientação etimológica, um trabalho de mediação, uma vez que Hermes incorpora a busca pela compreensão e promove a comunicação entre deuses e mortais, como um *tradutor* que verte a linguagem dos deuses em outra, acessível aos homens, por ser fluente em ambas.

A representatividade mitológica de Hermes realça a definição da hermenêutica como um conjunto de princípios e teorias que orientam a compreensão e a interpretação de textos, definição que fica incompleta na tradução latina do termo, como Fernando Romo Feito ressalta:

Hoy, que una difusa sensibilidad para los problemas hermenéuticos recorre las ciencias humanas, es habitual encontrar vinculados los términos de hermenéutica e interpretación y algo menos exégesis. Si se atiende a la etimología, se trata de historias distintas: hermenéutica y exégesis proceden del griego y valen más o menos como “expresión, proclamación del sentido” frente a “movimiento de entrada en la intención de un texto o mensaje”. *Interpretatio* en cambio es latín y constituye la traducción tradicional del primer término griego mencionado. Pero el latino se vincula a la tradición retórica y jurídica: el *fidus interpres* es el intérprete autorizado y fiable de un documento, y la palabra, desde luego, subraya el aspecto de la intermediación.

---

<sup>12</sup> Ver TESCHE, 2000, p. 44.

Por lo general, se entiende por exégesis el trabajo concreto de comprender los textos e interpretarlos, mientras que la hermenéutica se plantearía más bien el problema teórico de cómo es posible llevar a cabo una actividad semejante (FEITO, 2007, p. 13)<sup>13</sup>.

Vemos que a origem etimológica da palavra hermenêutica desvenda o atributo da mediação desempenhada pelo hermenauta – sinônimo de exegeta, intérprete. Devemos observar também que esse atributo permite a Hermes ser o deus dos ladrões e o protetor dos caminhos. Essa dupla incidência parece ser um tanto reveladora, pois vemos nela a sugestão de uma ambivalência: ao mesmo tempo em que Hermes agencia os caminhos da comunicação e do sentido, ele tem o potencial de atuar como um “ladrão” de sentidos<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> “Hoje, que uma difusa sensibilidade para os problemas hermenêuticos recorre às ciências humanas, é habitual encontrar vinculados os termos hermenéutica e interpretação e, um pouco menos, exegese. Ao se considerar a etimologia, trata-se de histórias distintas: hermenéutica e exegese derivam do grego e valem mais ou menos como ‘expressão, proclamação do sentido’ frente a ‘movimento de entrada na intenção de um texto ou mensagem’. *Interpretatio*, no entanto, é latim e constitui a tradução tradicional do primeiro termo grego mencionado. O termo latino, porém, se vincula à tradição retórica e jurídica: o *fidus interpres* é o intérprete autorizado e confiável de um documento, e a palavra, desde sempre, sublinha o aspecto da intermediação. Geralmente, se entende por exegese o trabalho concreto de compreender os textos e interpretá-los, ao passo que a hermenéutica representa melhor o problema teórico de como é possível realizar uma atividade semelhante” (Tradução nossa).

<sup>14</sup> Lembramos o livro *Ladrões de palavras*, de Michel Schneider, em que o autor estuda o plágio, visto junto ao pensamento, à psicanálise e à literatura. A respeito da amplitude de seu estudo, Schneider explica: “É certamente com abuso deliberado que dou à palavra plágio uma extensão que vai bem além de seu sentido estrito e a faço designar as influências, a partilha dos pensamentos e a intertextualidade das formas escritas”. SCHNEIDER, 1990, p. 39. Tanto na conotação de Schneider para “ladrões de palavras” como na conotação que vinculamos a Hermes para “ladrão de sentidos” destacamos a maneira segundo a qual a voz do outro é tratada.

Nessa perspectiva, seria possível a Hermes “traficar” um sentido adulterado ou “inventar” sentidos através da tradução que lhe é dado realizar, ou seja, seria possível a Hermes levar aos destinatários um sentido diferente do intencionado pelos deuses. No entanto, por ser considerado o detentor dos sentidos ocultos e dos segredos encobertos, não caberia a desconfiança quanto ao sentido proferido por ele. Além de tal ambivalência, essa dedução etimológica aponta para outro dado que nos interessa destacar. Por fazer a mediação entre dois mundos incompatíveis, o mundo dos deuses e o dos mortais, Hermes deve se adequar ao mundo dos homens para que a comunicação seja viável; podemos dizer, portanto, que ele deve se adequar às demandas dos destinatários, em constante alteração.

Desse modo, na sua etimologia, a hermenêutica apresenta a criatividade, a evidência do público e a sapiência como enclaves. Os itens dessa enumeração assinalam pontos importantes para se pensar a tradução entre linguagens, que, num entendimento amplo, pode abranger tanto o processo de doação de sentido ao texto literário realizada pelo crítico literário, como o de transposição linguístico-formal da língua do original numa língua diferente.

No tocante a essa transposição, teorias recentes enfatizam a tradução como uma prática regida por parâmetros tais como *reescrita*, *subversão* e *transcrição*<sup>15</sup>, que acenam para a necessidade de intervenções ao se realizar uma tradução, até mesmo para que se chegue mais próximo do original ou do público leitor. Esses parâmetros acabam por conceber um exercício hermenêu-

---

<sup>15</sup> Ver LAGES, 2007, pp. 73-97.

tico, como Haroldo de Campos elucida a respeito da tradução de Sófocles feita por Hölderlin, numa comparação com Ezra Pound:

Se Hölderlin é um tradutor exegeta, pratica uma espécie de tradução litúrgica, transubstancia a original na linguagem da tradução como o oficiante-hermeneuta de um rito sagrado que procurasse conjurar o verbo primordial [...], Pound, ao contrário, é um tradutor pragmático, laico exercendo a tradução como uma didática, como uma forma crítico-criativa de reinventar a tradição. Mas ambos se assemelham pelos resultados a que, por diverso caminho, acabaram chegando. *Traduzir a forma* é, para ambos, um critério básico. [...] No que toca a Hölderlin, uma característica do seu método de verter é a literalidade exponenciada, a literalidade à *forma* (antes do que ao conteúdo) do original. Trata-se de uma “supraliteralidade” na expressão de Schadewaldt (e aqui cabe recordar que o nosso Mário de Andrade falava em “supertradução”, para conceituar uma tradução onde a “ordem de dinamogenia” das palavras do original fosse captada) (CAMPOS, 1972, pp. 97-98; grifos do autor).

Ao atribuir à tradução uma “forma privilegiada de leitura”<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> Como Susana Kampff Lages conclui: “Evidentemente, o tradutor não pode ser equiparado aos *leitores* em geral; no âmbito de seu ambiente cultural, ele é antes de mais nada o leitor por excelência, e leitor privilegiado do texto que irá traduzir” (LAGES, 2007, p. 69; grifos da autora).

(CAMPOS, 1972, p. 115), Haroldo de Campos destaca a argumentação de Walter Benjamin no ensaio “A tarefa do tradutor”, segundo a qual o texto original passa por intervenções ao ser traduzido – numa tentativa, inclusive, de se ter uma inserção histórica –, uma vez que o essencial na tradução, bem como na literatura, é da ordem da forma, e não da informação ou do enunciado, que, constituído de linguagem, pode se manter não comunicável. A questão preponderante parece estar na ausência de valor que a comunicação da mensagem do original recebe; como Haroldo de Campos afirma, ao dialogar com o ensaio de Benjamin: na tradução, “o essencial não é a reconstituição da mensagem, mas a reconstituição do sistema de signos em que está incorporada esta mensagem, da *informação estética*, não da informação meramente semântica” (CAMPOS, 1972, p. 100).

Frisamos que a argumentação de Benjamin no ensaio mencionado dispõe a tradução numa acepção que é subsidiária ao entendimento do autor sobre literatura, no que diz respeito à comunicação empreendida por ela:

O que “diz” uma obra poética<sup>17</sup>? O que comunica? Muito pouco para quem a compreende. O que lhe é essencial não é a comunicação, não é o enunciado. E no entanto, a tradução que pretendesse comunicar algo não poderia comunicar nada que não fosse comunicação, portanto, algo de inessencial. Pois essa é mes-

---

<sup>17</sup> Ao contrário da opção feita por outros tradutores do ensaio de Benjamin, em que o termo *Dichtung* é traduzido por “obra literária”, na tradução que citamos aqui, a tradutora circunscreveu o termo apenas ao texto poético.

mo uma característica distintiva das más traduções. Mas aquilo que está numa obra literária, para além do que é comunicado (e mesmo o mau tradutor admite que isso é o essencial), não será isto aquilo que se reconhece em geral como o inaferrável, o misterioso, o “poético”? Aquilo que o tradutor só pode restituir ao tornar-se, ele mesmo, um poeta? De fato, daí deriva uma segunda característica da má tradução, que se pode definir, conseqüentemente, como uma transmissão inexata de um conteúdo inessencial. E assim é, sempre que a tradução se compromete a servir ao leitor. Mas se ela fosse destinada ao leitor, também o original o deveria ser. Se o original não existe em função do leitor, como poderíamos compreender a tradução a partir de uma relação dessa espécie? (BENJAMIN, 2001, pp. 189-191).

A equação benjaminiana que articula os fatores compreensão e comunicação da literatura e da tradução – sendo que quando a compreensão estiver em alta, a comunicação acompanhará em queda – rende o elogio ao inapreensível ou a um abismo poético, por assim dizer. Abismo que alinha essa equação junto à visão romântica de Friedrich Schlegel, representada no fragmento 117, do *Lyceum*, que apregoa “Poesia só pode ser criticada por poesia” (SCHLEGEL, 1997, p. 38), da mesma maneira que, para ser bem traduzida, a poesia deverá receber uma tradução poetizada.

O domínio estético condiciona mediações dotadas de implicações teóricas, engendramento também presente no processo de doação de sentido ao texto literário, processo aqui designado

como hermenêutica literária. A hermenêutica literária pressupõe a comunicabilidade da literatura: mas, caso não haja a pretensão de se esgotar o sentido do texto literário e de se agregar uma verdade a esse sentido, essa hermenêutica pode se conciliar com o inapreensível ou com a ilegibilidade. Essa conciliação não exclui, contudo, o fato de a hermenêutica literária demandar a definição do sentido, que emerge do texto literário com o empenho do leitor e que resulta num entendimento embasado nas seguintes hipóteses: 1. a literatura instaura uma via de comunicação; 2. os fatores compreensão e comunicação podem receber, conjuntamente, uma equalização elevada.

Ao discutirmos a hermenêutica literária, os fatores compreensão e comunicação não têm natureza normativa e não estão comprometidos com o sentido último do texto literário. Sendo assim, apesar da diferença premente, parece possível vislumbrarmos pontos de convergência entre a argumentação de Benjamin e o entendimento que apresentamos em torno da hermenêutica literária, com a justificativa de que ambos ratificam a prerrogativa da criação. Isto é, as intervenções necessárias nos processos de tradução e de doação de sentido ao texto literário promovem um feixe de alterações entre o original e a versão traduzida, entre o texto literário e o que diz o texto nas palavras do leitor ou intérprete, que distingue exigências de ordem estética, já que a compreensão e a comunicação em tais processos não são estimuladas apenas pelo aspecto semântico do texto. Tal convergência acresce na medida em que ambos os processos apresentam uma conexão de fundo histórico, pois a tradução e a hermenêutica literária validam a vida póstuma do texto original, realçando

procedimentos demandados pela tradição literária.

A hermenêutica literária não se reporta ao sentido oculto do texto literário, desvendado por um leitor autorizado como o leitor crítico, ou a um saber unívoco. Por um lado, a ausência da pretensão de se revelar o sentido oculto poderia desfazer a aura da sapiência particularizada pela etimologia da palavra hermenêutica. Mas, por outro lado, o esforço pressuposto pela mediação, presente tanto no gesto hermenêutico como na tradução, reivindica saberes linguísticos, históricos, culturais – isto é, saberes de diversas ordens, que resguardam tal aura. Assim, essa mediação suscita semelhanças entre a tarefa do hermeneuta e a tarefa do tradutor, pois ambas são condizentes com uma descontinuidade que implica uma relação de derivação entre o texto lido e o texto do intérprete ou do tradutor. Contudo, há uma diferença fundamental entre tais tarefas, uma vez que o hermeneuta deve produzir um texto que apresente uma semantização explícita do texto original, ao contrário do tradutor, que deve se preocupar em gerar os efeitos do texto traduzido, ou seja, o tradutor deve propiciar a experiência de leitura desse texto.



## Referências

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. Tradução: Susana Kampff Lages. In: HEIDERMAN, Werner (Org.). *Clássicos da teoria da tradução: antologia bilíngue alemão-português*. Florianópolis: UFSC; Núcleo de Tradução, 2001. v.1. pp. 187-215.

BLEICHER, Josef. *Hermenêutica contemporânea*. Tradução: Maria Georgina Segurado. Lisboa: Edições 70, 1992.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. 2. ed. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 1993. v. 1.

CALVINO, Italo. *Se um viajante numa noite de inverno*. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CAMPOS, Haroldo de. A poética da tradução. In: CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável e outros ensaios*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1972. pp. 91-128.

COSTA LIMA, Luiz. Hermenêutica e abordagem literária. In: COSTA LIMA, Luiz (Org.). *Teoria da literatura em suas fontes*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v.1. pp. 63-95.

CUESTA ABAD, José Manuel. *Teoría hermenéutica y literatura (el sujeto del texto)*. Madrid: Visor, 1991.

FEITO, Fernando Romo. *Hermenéutica, interpretación, literatura*.

Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial; México: UAM-Iztapalapa. Div. Ciencias Sociales y Humanidades, 2007.

LAGES, Susana Kampff. *Walter Benjamin: tradução e melancolia*. São Paulo: EdUSP, 2007.

McLAUGHLIN, Thomas. Introduction. In: LENTRICCHIA, Frank; McLAUGHLIN, Thomas (Eds). *Critical terms for literary study*. 2nd ed. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1995. pp. 01-08.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1952. tomo II.

PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Tradução: Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1986.

PAYNE, Michael (Ed.). *A dictionary of cultural and critical theory*. Oxford; Cambridge: Blackwell, 1997.

SCHLEGEL, Friedrich. *O dialeto dos fragmentos*. Tradução, apresentação e notas Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1997.

SCHNEIDER, Michel. *Ladrões de palavras: ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento*. Tradução: Luiz Fernando P. N. Franco. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.

TAMEN, Miguel. *Hermenêutica e mal-estar*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1987.

TESCHE, Adayr. *Interpretação: rupturas e continuidades*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2000.

Artigo recebido em 25/11/2010 e aprovado em 15/03/2011.

